

Maria Ondina na Biblioteca Pública de Braga Henrique Barreto Nunes



Apesar de viver em Braga desde 1959, comecei por conhecer Maria Ondina apenas através de alguns dos seus livros, em especial “Estátua de sal”, “Estação morta” e “O homem da ilha”.

A sua escrita intimista e delicada, reveladora de um mundo interior sensível, impregnado de solidão e tristeza, embora transmitindo uma mundividência muito própria, não apagava a presença de uma cidade escondida nos subterrâneos da memória, o que me impressionou tanto quanto o descaso que Braga dela fazia no dealbar da década de 80.

Por isso, quando na Biblioteca Pública de Braga se começou a planear aquilo que se chamavam actividades de animação da leitura e se criou um programa denominado “Um escritor apresenta-se”, através do qual se procuravam dar a conhecer os principais escritores portugueses, a primeira convidada foi, naturalmente, Maria Ondina Braga.

Em 28 de Abril de 1983 Braga teve oportunidade de reencontrar, direi mesmo, de conhecer e descobrir uma escritora que até então praticamente ignorava e que, talvez melhor do que nenhuma outra, soube subtilmente penetrar no seu íntimo e revelar vivências ocultas e quase secretas de uma cidade ainda escondida por detrás de gelosias assombradas.

A partir de então Maria Ondina tornou-se numa figura mais familiar para os bracarenses, os seus livros passaram a ser mais lidos e comentados na Biblioteca ou nas escolas, a sua presença assídua nas feiras do livro ou noutras actividades culturais.

À Biblioteca Pública regressou em 1988, no lançamento de um livro (“Bibliotecas : memórias e mais dizeres”) em que colaborou com um texto no qual evocava os seus primeiros e juvenis contactos com a instituição: *uma aventura e a confirmação de um vício que me estava no sangue e não tinha perdão. Com os meus 13 anos entrei ali, espontaneamente, de cabeça levantada... Uma descoberta, para mim, a biblioteca, uma descoberta e um descanso*¹.

Em 1991, a convite da Biblioteca, profere uma conferência sobre “Ana Plácido : o desassombro quer ao calor da paixão quer no frio do infortúnio”, um título que é todo um programa de escrita: *Ana Plácido é aqui a mulher audaciosa e irreverente que, em pleno século XIX, na burguesa cidade do Porto, abandona o lar conjugal com o filho nos braços, simplesmente porque não ama o dinheiroso comerciante com quem o pai a casara mas sim um escritor talentoso e pobre. Daí que nem a miséria, nem as afrontas da sociedade, o desprezo, os insultos, nem a ameaça do claustro para o resto da vida, nem as próprias grades da cadeia a impeçam de seguir as inclinações do coração. Chegou até nós como a devotada e desditosa companheira de um dos nossos maiores romancistas: Camilo Castelo Branco*².

Anos depois, em 1995, comemorando os 30 anos de vida literária de Maria Ondina Braga, a BPB dedica-lhe uma completa exposição bibliográfica e documental ao mesmo tempo que é feita a apresentação do seu livro “A filha do juramento”.

Mais tarde, em 1997, também a solicitação da Biblioteca, participa nas comemorações do “Dia Mundial do Livro”, falando dos livros da sua vida: *comecei a ler tão cedo, tão cedo a amar a leitura que, se não estou em erro, os meus primeiros livros inesquecíveis foram os dicionários... Os romances de Camilo com toda a sua graça e desgraça, o seu vasto e exacto vocabulário, a imaginação fecunda, a sátira, o sentimento, o génio... Os romances de Camilo continuam a ser para mim os mais inesquecíveis livros da minha vida*³.

Finalmente, em 1998 a Biblioteca Publica promoveu o lançamento do seu último livro, as memórias ficcionadas de “Vidas vencidas”: *Enfim, eu mulher solitária, escritora calada e quantas vezes gratuita, hoje aqui com um livro que escrevi noite após noite e dolorosamente. Livro de tempos idos e portanto de um mundo que já não existe*⁴.

Em pedaços pelo mundo repartida, Maria Ondina nunca conseguiu deixar verdadeiramente a Braga da sua “infância pavorosamente vivida” e a cidade, o seu ambiente, a sua religiosidade soturna, os seus segredos estiveram sempre presentes tanto na vida como na obra desta mulher singular.

Escreveu-me no seu último cartão, em 20 de Novembro de 2000, depois do prémio atribuído a “Vidas vencidas”: *verdade, porém, tenho ficado triste, eu, talvez, sei lá, por cansaço, porque realmente nasci frágil, e sempre, conforme, a querer viver e a querer morrer, porque não?*

Não tive coragem de a ir visitar no Lar onde a sua vida foi finalmente vencida⁵.

Nunca mais a vi.

Restam os seu livros – para sempre.

Os livros, sempre.

Notas

¹ *Bibliotecas: memórias e mais dizeres*. Braga: Biblioteca Pública, 1988, p. 17-18.

² Texto inédito.

³ *Os meus livros inesquecíveis*. “Forum”, Braga, 21, Jan.-Jun. 1997, p. 165-170.

⁴ Palavras lidas na sessão de apresentação de “Vidas vencidas”, em 20 de Nov. de 1998.

⁵ Maria Ondina Braga faleceu no Lar Conde de Agrolongo, em Braga, em 14 de Março de 2003, com 82 anos de idade.